

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Viagens Pela Noite – O Mundo de Anatole Litvak (Parte II)
22 e 28 de Janeiro de 2025

THE LADY IN THE CAR WITH GLASSES AND A GUN / 1970

um filme de Anatole Litvak

Realização: Anatole Litvak / **Argumento:** Richard Harris, Eleanor Perry, baseado no romance *La Dame dans l'auto avec des lunettes et un fusil*, de Sébastien Japrisot / **Imagem:** Claude Renoir / **Montagem:** Peter Thornton / **Música:** Michel Legrand / **Som:** William Robert Sivel / **Cenários:** Willy Holt / **Guarda-Roupa:** Jean Zay, Christian Dior / **Com:** Samantha Eggar (Danielle "Dany" Lang), Oliver Reed (Michael Caldwell), John McEnery (Yves-Marie / Philippe), Stéphane Audran (Anita Caldwell), Billie Dixon, Bernard Fresson (Jean Yvain), Marcel Bozzuffi (Manuel), Philippe Nicaud (polícia na auto-estrada), etc.

Produção: Lira Films, Columbia Pictures (Estados Unidos, França) / **Produtores:** Raymond Danon, Anatole Litvak / **Directores de Produção:** Marc Maurette, Claude Ganz / **Cópia:** em DCP, legendada electronicamente em português / **Estreia comercial:** 25 de Dezembro de 1970, Estados Unidos / **Duração:** 105 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca.

Realizado já em 1970, **The Lady in the Car with Glasses and a Gun** é o último filme de Anatole Litvak, revelando-se como um trabalho de alguma forma menor numa filmografia com dezenas de títulos, iniciada no início dos anos trinta. Quando o dirigiu o realizador de origem ucraniana (1902-1974) tinha na altura 68 anos, e vivia em França, onde permaneceria até ao final da sua vida. Produzido pela sua própria produtora, a Lira Films, em conjunto com a Columbia Pictures, **The Lady in the Car with Glasses and a Gun** foi rodado em terras francesas e conta com um elenco encabeçado por Samantha Eggar e Oliver Reed. Traduzindo como Litvak se procurava adaptar ao ar dos tempos, o **The Lady in the Car...** é atravessado por uma atmosfera misteriosa associada a um certo psicadelismo e a um argumento intrincado, no qual a secretária do diretor de uma grande companhia de publicidade fica com o automóvel do patrão durante um fim-de-semana, depois de o deixar no aeroporto com a mulher, e decide enveredar numa viagem, que se revela dominada por acontecimentos estranhos.

Em tal viagem são vários aqueles que a reconhecem como tendo passado algum tempo antes pelos mesmos sítios, algo que a protagonista não consegue lembrar, mas também há um crime e um corpo por explicar. Se logo no início do filme, ainda na casa do director, nos apercebemos de tal atmosfera estranha – a sequência em que se acendem as luzes do escritório e Samantha Eggar (Danielle), por detrás das suas grossas lentes, fica assustada com as obras de arte expostas nas paredes do mesmo, tal inquietante estranheza acentua-se ao longo de um filme em que a protagonista é suspeita de um homicídio ao mesmo tempo que duvida da sua própria saúde mental.

Na altura da estreia do filme, em Dezembro de 1970, Roger Greenspun escreveu no *The New York Times*: “Em termos de títulos de filmes, **The Lady in the Car with Glasses and a Gun** servirá, pelo menos, por dois motivos. Primeiro, conta várias coisas que estão no filme, metade das quais (mulher e arma / “lady and gun”) são provavelmente perigosas, sem, no entanto, presumir o que se deve sentir em relação a elas. E segundo, ajuda a tornar o filme à prova de críticas, pois depois de o crítico mencionar o título algumas vezes, se tudo correr bem, não haverá espaço para a sua crítica. **The Lady in the Car with Glasses and a Gun**, de Anatole Litvak, baseado no romance homónimo de Sebastien Japrisot, estreou ontem no Festival e nos Cinemas Rivoli. E embora não seja tão bom como deveria ser, dada a excelência da sua ficção e de alguns dos seus principais actores, é, no entanto, suficientemente bom em termos de humor e de desempenho para oferecer mais do que uma satisfação rotineira a qualquer amante de filmes de mistério. A mulher (Samantha Eggar) é uma rapariga inglesa que trabalha numa agência de publicidade em Paris. O carro é um enorme descapotável americano branco, que o seu patrão (Oliver Reed) lhe confia, depois de ela o deixar com a sua mulher (Stéphane Audran) no aeroporto para uma viagem de negócios e lazer a Genebra. No meio do tráfego ela engana-se no caminho, curvando para sul, em vez de regressar a Paris, e, quando descobre o seu erro, decide seguir viagem para umas breves férias no Mediterrâneo. São os seus óculos de sol (graduados – ela é terrivelmente míope), mais do que qualquer outra coisa, que convencem as pessoas ao longo do caminho de que já a viram antes, no mesmo carro, a conduzir para norte pela mesma estrada, nessa mesma manhã. E quando a sua mão é dolorosamente esmagada por um estranho que não se vê, num posto de abastecimento de combustível, e aquele que a atende jura que ela estava a usar uma ligadura horas antes, quando parou para uma pequena reparação, ela percebe que está a enfrentar não apenas uma coincidência perturbadora, mas um perigo bem real.”

Esta é uma descrição clara do início de um filme que nem sempre é claro, cuja protagonista acaba por transportar um cadáver no porta-bagagens do seu carro, e em que tudo a parece incriminar. Litvak trata estas questões com alguma destreza, centrando-se mais na perturbação psicológica da protagonista, do que nos acontecimentos que a atemorizam ou na sua verosimilhança. John McEnery é o homem que Samantha Eggar encontra pelo caminho e que acentua a sua possível perdição, enquanto Oliver Reed e Stéphane Audran conferem espessura a uma atmosfera que se adensa ao longo do filme. Como escreveu o mesmo Roger Greenspun, “Samantha Eggar é tão boa que, por si só, já é justificação suficiente para o filme. Bonita, inteligente e forte o suficiente para ser fascinantemente vulnerável, parece ter sido escolhida para papéis excelentes: **The Collector**, **The Walking Stick** e agora **The Lady in the Car**.”

The Lady in the Car with Glasses and a Gun não sendo um dos melhores filmes de Anatole Litvak, é certamente uma das melhores prestações de Samantha Eggar, que dá corpo a uma personagem complexa, cuja psique nos transporta para um mundo misterioso no qual a sua mente se confunde com as suas vivências, para nos deixar expectantes face ao desmoronar de uma personagem, que poderia ser bem real.

Joana Ascensão